

Edição v. 38
número 2 / 2019

Contracampo e-ISSN 2238-2577
Niterói (RJ), 38 (2)
ago/2019-nov/2019

A Revista Contracampo é uma revista eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense e tem como objetivo contribuir para a reflexão crítica em torno do campo midiático, atuando como espaço de circulação da pesquisa e do pensamento acadêmico.

REPRESENTAÇÕES DE NEGRITUDE E DE
BRANQUITUDE NA PRODUÇÃO AUDIOVISUAL
DEAR WHITE PEOPLE: Tensões e negociações
entre identidade e diferença

REPRESENTATION OF NEGRITUDE AND
BRANQUITUDE IN AUDIOVISUAL PRODUCTION
DEAR WHITE PEOPLE: Tensions and negotiations
between identity and difference

SÁTIRA PEREIRA MACHADO

Professora Adjunta da Universidade Federal do Pampa (Unipampa) e da Universidade Aberta do Brasil (UAB). Pós-Doutoranda no POSCOM da UFSM. Doutora em Comunicação (Unisinos, 2013). E-mail: satira.spm@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7150-8184>.

ROSANE ROSA

Pós-doutora pelo Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, sob a supervisão do Prof. Boaventura de Souza Santos (2017-2018). Doutora em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2009). E-mail: rosanerosar@gmail.com. ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-0686-0944>.

LILIANE DUTRA BRIGNOL

Professora do Departamento de Ciências da Comunicação, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, Santa Maria - RS). Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos, São Leopoldo - RS). E-mail: lilianebrignol@gmail.com. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-7323-038X>.

AO CITAR ESTE ARTIGO, UTILIZE A SEGUINTE REFERÊNCIA:

MACHADO, Sátira Pereira; ROSA, Rosane; BRIGNOL, Liliane Dutra. REPRESENTAÇÕES DE NEGRITUDE E DE BRANQUITUDE NA PRODUÇÃO AUDIOVISUAL "DEAR WHITE PEOPLE": Tensões e negociações entre identidade e diferença. Contracampo, Niterói, v. 38, n. 2, p. 49-65, ago./nov. 2019.

Enviado em 22/3/2019; Revisor A: 14/5/2019; Revisor B: 23/8/2019; Aceite em: 24/8/2019.

DOI – <http://dx.doi.org/10.22409/contracampo.v38i2.28254>

Resumo¹

Investigamos as representações midiáticas da negritude e da branquitude na produção audiovisual *DEAR WHITE PEOPLE*, de Justin Simien, distribuída por plataformas de reprodução de TV. A perspectiva dos estudos culturais britânicos e latino-americanos fundamentam a reflexão sobre questões identitárias, em diálogo com estudos sobre as relações étnico-raciais em interface com a mídia. Buscamos compreender a obra a partir do protocolo analítico metodológico de circuito cultural de Richard Johnson. Os resultados apontam para novas tendências de distribuição de representações e de discursos midiáticos sobre negritudes mais plurais e de inserções do conceito de branquitude nos estudos de comunicação e de representações identitárias.

Palavras-chave

Audiovisual; representação; negritude; branquitude; *Dear White People*.

Abstract

We investigate the mediatic representations of blackness and whiteness in Justin Simien's *DEAR WHITE PEOPLE*, distributed by TV playback platforms. The perspective of British and Latin American cultural studies ground the reflection on identity issues, in dialogue with studies on ethnic-racial relations in interface with the media. We seek to understand the work from Richard Johnson's analytical methodological method of cultural circuit. The results point to new trends in the distribution of representations and media discourses about more pluralistic negritude and insertion of the concept of whiteness in the studies of communication and identity representations.

Keywords

Audio-visual; representation; blackness; whiteness; *Dear White People*.

¹ Versão anterior deste artigo foi apresentada em Moçambique/Maputo, no XIII Congresso da Luso-com/2018 com o tema Comunicação e informação para o desenvolvimento, junto ao grupo de trabalho Comunicação e Representações Identitárias, tendo o seguinte título: CARA GENTE BRANCA – identidades e alteridades: branquitude e negritude na Universidade e na mídia (Netflix Brasil).

Introdução

A obra *DEAR WHITE PEOPLE* (Cara Gente Branca) do estadunidense Justin Simien torna-se, nos tempos atuais, *glocalmente* relevante para se compreender as relações entre pessoas percebidas como brancas, negras e mestiças em sociedades multiculturais globais e locais. Apesar do conteúdo audiovisual ser originário dos Estados Unidos da América (EUA), as visibilidades e invisibilidades midiáticas construídas pela *ideologia* do racismo e suas relações entre o *simbólico* e o *social* (HALL, 2018) permeiam as culturas brasileira e a estadunidense, entre outras, onde ser negro/a (preto ou pardo) acaba tendo implicações nas mobilidades sociais.

Imagem 1 – Cara Gente Branca



Fonte: As autoras

Nesse sentido, o tema desta pesquisa insere-se nas relações entre mídia, racismo e identidade/alteridade/diferença, delimitando-se no debate em torno dos discursos e das representações sobre as identidades negras e brancas midiaticizadas. O estado do conhecimento sobre a inter-relação entre mídia e racismo apontam para estudos sobre: a) conteúdo midiático produzido por populações negras para o reconhecimento; b) visibilidade midiática de casos de racismo; c) racismos nas redes sociais; d) debates na mídia sobre as ações afirmativas; e) diversidade das culturas negras na mídia; f) representatividade negra e representações na mídia; por exemplo.

No período da pesquisa (março a novembro de 2018), a produção acadêmica sobre a obra *Dear White People* no Brasil restringiu-se à publicação de dois artigos: 'Cheque seu privilégio ao entrar' Racializando o branco com a série *Dear White People* (BIBIANO, ENNE, 2017) e *Dear White People: cinematografia, plástica e percepção* (MANCIO, VIRGILINO, LEMOS, 2018). O primeiro reflete sobre a representação do negro na mídia, sob a ótica de Stuart Hall e, o segundo analisa aspectos plásticos da representação do negro a partir dos estudos de Joly, Kossoy, Heller e Gomes Filho. Ambos os artigos citam personagens brancos e negros. O segundo referenda o conceito de branquitude publicada no site Geledés², relacionando-o à identidade racial branca. Concluem que *Dear White People* produz representações positivas de pessoas negras, diferentemente da maioria das produções midiáticas em geral.

Somando-se às discussões sobre o tema na realidade brasileira, o presente estudo investiga a obra *Dear White People* a partir do protocolo analítico de circuito cultural de Richard Johnson (1996), que corroborou para aproximações na observação da produção, da narrativa e da recepção do conteúdo audiovisual. Desde janeiro de 2014, o filme e a sua adaptação para a série de mesmo nome na Netflix, são apropriados pelo mercado de distribuição de conteúdo over-the-top (OTT) através de plataformas de reprodução de TV³. Cooperaram com a pesquisa pensamentos de autores/as como Stuart Hall, Jesus

² Disponível em: <https://www.geledes.org.br/definicoes-sobre-branquitude>. Acesso em: dia mês ano. (ex: 01 ago. 2019)

³ Produções midiáticas distribuídas pela internet diretamente de provedores de conteúdo para consu-

Martin-Barbero, Nestor García Canclini, Nilma Lino Gomes, Lourenço Cardoso, Kabengele Munanga, Boaventura de Souza Santos, entre outros/as que se alinham aos estudos culturais britânicos e latino-americanos em diálogo com os estudos sobre as relações étnico-raciais brasileiras.

Identities negras e identities brancas em teoria

As relações entre os conceitos de representação social e de alteridade surgem em resposta a algumas ideologias que tentam explicar as diversidades entre seres humanos baseadas em hierarquias, principalmente entre identidades raciais negras e brancas. Uma delas é a ideologia da existência de várias raças humanas, cunhada a partir de ideias de evolução, de progresso e de modernização das sociedades.

Nessa linha, o racismo científico cristalizou muitas teses como, por exemplo: a) a do médico Petrus Camper (1722-1789), que comparou crânios de humanos aos de macacos; b) a do cientista Charles Linnaeus (1701-1778), que dividiu a humanidade em Homo europeus, americanos, asiáticos e africanos; c) a do pesquisador Johann Friedrich Blumenbach (1752-1840), que classificou a humanidade entre caucasianos, mongóis, malaios, etíopes e americanos; e do diplomata Arthur de Gobineau (1806-1882), que determinou a inferioridade das raças negra, amarela e semita em relação à raça ariana branca, sendo a última hipoteticamente responsável pelos avanços da humanidade como um todo.

Esses pensamentos vêm sendo rechaçados em detrimento da tese da existência de uma única raça humana detentora de diversidades não deterministas de características humanas, conforme pesquisas que mapeiam dados genéticos dos povos terrestres, desde 2005⁴. No entanto, ainda em 2019, o Prêmio Nobel de Medicina Fisiológica (1962) James Watson que é estudioso da molécula do ácido desoxirribonucleico (DNA) responsável por trocas hereditárias, envolveu-se em grandes polêmicas ao sustentar a ideologia da suposta superioridade intelectual de pessoas brancas baseada na interpretação de testes de inteligência eurocentrados.⁵

Nesta arena, o conceito de raça extrapola o âmbito biológico, para revelar-se como conceito político. Segundo Kabenguele Munanga (2005-2006, p. 52-53), “se para o biólogo molecular ou o geneticista humano a raça não existe, ela existe na cabeça dos racistas e de suas vítimas (...)” e a “(...) ideologia racista não precisa do conceito de raça para se refazer e se reproduzir (...)”. Análises de disputas como essas, em representações e discursos midiáticos, estão presentes nas reflexões de Stuart Hall sobre racismo e construções de identidades étnico-raciais, que fazem despontar as alteridades: quando “(...) o corpo racializado e etnicizado é constituído discursivamente – por meio do ideal normativo regulatório de um ‘eurocentrismo compulsivo (...)’ (HALL, 2018, p.130), denotando relações de poder nos diálogos estabelecidos entre o *eu* e o/a outro/a, ou seja, com o/a diferente.

Essas tensões e negociações dão-se no âmbito da cultura, que é a habilidade de seres humanos de dar sentido ao mundo e relacionar-se com ele por meio de interpretações simbólicas. Então, discursos e representações podem ser entendidas como criações e recriação culturalmente realizadas na vida cotidiana, por sujeitos culturais que as projetam no teatro, no cinema, e na televisão, por exemplo.

Nesse cenário, as representações seriam pensamentos sociais originados por *representações coletivas* de crenças e de mitos de povos, transmitidos de geração em geração, como nos dizia o francês Émile Durkheim (1858 – 1917). No entanto, na visão de Serge Moscovici (1928 – 2014) as representações

molduras/as são oferecidas por serviços de mídia over-the-top (OTT). Netflix, Amazon Video, Android TV, Apple TV, Sky Go, Now TV, iTunes e Youtube, por exemplo, são OTT de conteúdo audiovisual. Existem OTT de conteúdo de música, de jogos etc.

⁴ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/ciencia/ult306u626565.shtml>
<http://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2010/08/ancestral-comum-dos-humanos-teria-vivido-ha-200-mil-anos-diz-estudo.html>. Acesso em: 18 dez. 2018.

⁵ Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/01/03/internacional/1546527532_263106.html
<https://www.bbc.com/portuguese/geral-46847083>. Acesso em: 18 dez. 2018.

não seriam deterministas, como pensava Durkheim. Mas seriam representações ampliadas por indivíduos ativos em suas interações humanas que resultam em construções de conhecimentos diversos que acabam por estruturar as sociedades. Para Moscovici, o social e o psíquico seriam interdependentes, pois as representações gerariam conhecimentos orientadores de comportamentos e condutas provenientes de um “(...)conjunto de conceitos, frases e explicações originadas na vida diária durante o curso das comunicações interpessoais (...)”. Moscovici foi o teórico das representações sociais que viveu na pele o racismo relacionado ao antissemitismo europeu acirrado pela Segunda Guerra Mundial.

Nessa perspectiva, também foram as vivências nazi-racistas em campos de concentração em Hannover na Alemanha que levaram o filósofo judeu Emmanuel Lévinas (1906-1995) a refletir sobre o conceito de ser, rompendo com a noção de totalidade. Ele questionou o uno/mesmo e valorizou o outro/diverso, que transcende a compreensão de si através do múltiplo. Para Lévinas (1980, p. 66), “(...) a relação entre o Mesmo com o Outro, nem sempre se reduz ao conhecimento do Outro pelo Mesmo, nem sequer à revelação do Outro ao Mesmo”. Nesse sentido, ele formula o conceito de alteridade para contemplar a insurgência de outros modos de ser como forma de resistir aos individualismos e de superar os (eu) rocentrismos. Segundo Guedes (2007, p. 76), “(...) o projeto de Lévinas consiste em chamar a atenção para a presença do outro que se manifesta independentemente de o Eu afirmá-lo ou não (...)”.

Ganham valor as construções das identidades. Pesquisadores como Stuart Hall (1932 – 2016), Néstor García Canclini (1939 -), Jesús Martín-Barbero, Zygmunt Bauman (1925 - 2017) e Homi Bhabha (1949 -) e suas perspectivas híbridas e mescladas de estudos culturais, muito tem contribuído para as reflexões sobre as identidades e suas interfaces com a comunicação em nível global. Segundo Moresco e Ribeiro (2015, p. 180)

Entende-se a identidade como algo não fixo, sempre em (re)construção, e sob diversas perspectivas: a partir de Hall é possível perceber a identidade como diáspora, por Bauman como uma ambivalência líquida, a identidade como um problema de caráter binário por Bhabha, como multiplicidade de tempo e espaço com Martín-Barbero e a identidade como hibridismo por Canclini. Por fim, a identidade é movida pela incerteza, pela crise (...). É construída pela heterogeneidade cultural e social (...).

No contexto sociocultural heterogêneo do Brasil, a herança escravista denota que a maioria das práticas racistas estão relacionadas as populações negras. Assim, a construção das identidades perpassa conceitos de negritude, mestiçagem e branquitude também presente em discursos midiáticos e representações sociais na mídia.

Para além da empatia/antipatia pelos tons de cor de pele humana, ativistas acionam a *tomada de consciência* e a *solidariedade entre as vítimas do próprio racismo* por considerarem a *negritude como conceito e movimento* que “atravessam as muitas e diversas experiências de construção da identidade negra no Brasil e na diáspora africana” (GOMES, 2010, p. 5). Nesse sentido, Kabengele Munanga desabafa:

(...) ao cercar as noções de alteridade e identidade em torno do conceito de negritude (...) um dos objetivos fundamentais da negritude era a afirmação e a reabilitação da identidade cultural, da personalidade própria dos povos negros. (...) a partir da problemática da negritude, entender as dificuldades que os afrodescendentes encontram para canalizar politicamente sua identidade cultural (...) (MUNANGA, 1999, p. 2).

Nessa perspectiva, as identidades raciais negras são diversas por acessarem elementos de identidades culturais diversas. Uma vez que, num contraponto a ideologias de inferiorização de afrodescendentes, diversos sujeitos culturais passaram a construir a positivação da negritude resgatando elementos de ancestralidade africana.⁶

Nesse processo, a construção das identidades negras também lida com o conceito de mestiçagem. Milenarmente, a miscigenação é uma forma de troca genética que gerou a diversidade humana. No

⁶ Na história do continente é inegável a existência organizações políticas, econômicas e sociais negras, antes mesmo do ano de 1.400 d.C. quando se constroem histórias que minimizam as civilizações africanas.

entanto, teorias arianizantes com foco na geração de *seres superiores* embasaram movimentos eugenistas contra as relações inter-raciais nos EUA, bem como no Brasil na figura de Nina Rodrigues (1862-1906), por exemplo, que condenava o *mestiçamento*. Por outro lado, Oliveira Vianna (1883-1951) via na miscigenação um caminho para o branqueamento do Brasil. Nessa esfera, a teoria do branqueamento levou as autoridades brasileiras a aderirem políticas públicas de migração de grupos não negros para o país, revelando como a mestiçagem acabou sendo considerada “uma etapa transitória no processo de branqueamento” tornando-se uma “peça central na ideologia racial brasileira”, invisibilizando o “elemento negro” e “diluindo-o na população branca” (MUNANGA, 1999, p. 110-111).

Ciente desta problemática, o sociólogo Alberto Guerreiro Ramos propôs o conceito de *brancura* ao observar as estatísticas e o comprometimento da mobilidade socioeconômica da população negra brasileira, na década de 1950. Sua tese era a de que a maioria dos objetos de pesquisas que envolvem estudos sobre racismo no Brasil tinham foco nas identidades negras e não nas identidades brancas. Ele entrou em consonância com os *critical whiteness studies* vinculados a Universidades dos EUA que investigam cientificamente a temática das discriminações raciais.

Do ponto de vista da alteridade, manipulada em relações de poder, a branquitude (que atualizava o conceito de *brancura*) seria “(...) um lugar estrutural de onde o sujeito branco vê os outros, e a si mesmo (...)” de onde “(...) se pode atribuir ao outro aquilo que não se atribui a si mesmo (...)” (FRANKENBERG *apud* CARDOSO, 2010, p. 611).

Nessa lógica, majoritariamente, as identidades brancas girariam em torno de atitudes acionantes de vantagens sociais e étnico-raciais relacionadas à aparência (fenótipo) de pessoas com *brancura* (clareza de pele, cabelos lisos, finura da boca e do nariz etc.). Enquanto a *negrura* (escurecimento da pele, cabelos crespos, grossura da boca e do nariz etc.) levaria a complicadores para as mobilidades socioeconômicas e culturais. Sociedades racistas estão calcadas nessas desigualdades étnico-raciais, onde privilégios e não-privilégios são relacionados aos fenótipos das pessoas e persistem valorizações de branquitudes e negações de negritudes.

Mesmo assim, segundo Cardoso (2017, p. 39), as identidades raciais brancas são diversas e construída enquanto *branquitude acrílica* ou *branquitude crítica* por estarem relacionadas a consciência ou não de privilégios sociais materiais e imateriais disponíveis em sociedades racializadas. No caso brasileiro, os racismos estão ligados a manutenção do *status quo* proveniente da falácia de hierarquização racial entre seres humanos. Adia-se o sonho de se desracializar as pessoas, pois a cor da pele ainda polariza lugares sociais de claros e de escuros em contextos de reflexões locais. Ao duvidar do valor do outro, qualquer identidade – tanto branca, quanto negra - estaria desprovida de crítica ao racismo, uma vez que: “O branco é, inclusive, antirracista” (CARDOSO, 2017, p. 39).

Em cenários como o brasileiro, onde estatisticamente pessoas identificadas como brancas: a) dominam o preenchimento de cargos de comando nos três poderes e no meio empresarial; b) tem maiores condições de acesso e de permanência em instituições de ensino; c) sofrem menos feminicídios e homicídios; d) são a maioria dos/as comunicadores/as, diretores/as, escritores/as e tem representação positiva nas artes e nas mídias; e) tem suas culturas consideradas universais amplamente divulgadas; entre outras discrepâncias, que políticas públicas de reparação vêm sendo implementadas. No Brasil, ganham destaque as ações afirmativas que têm servido para minimizar as desigualdades nas ofertas de oportunidades entre pessoas brancas, negras e demais excluídos/as.

Pelo mundo, políticas públicas para correção de estratificações sociais ganharam visibilidade nas reivindicações do indiano antirracista Mahatma Gandhi, assassinado em 1948, que inspirou o ativismo

Sendo assim, para se construir a consciência identitária de negros/as, muitas memórias sobre a Revolução do Haiti e sua independência (1791-1804); o Pan-africanismo; o Movimento Negrismo da região do Caribe; o Movimento Negritude na França; o Movimento pelos Direitos Civis nos EUA; o Movimento pela Consciência Negra na África do Sul; movimentos pela descolonização e independência de países africanos; e celebrações do Dia da Consciência Negra no Brasil; por exemplo, constantemente são resgatadas.

pacifista de Martin Luther King Jr. e de Nelson Mandela pela igualdade de oportunidades a todos. Nestes contextos, exige-se posturas governamentais antissegregacionistas. Experiências semelhantes ocorreram na Malásia, na Austrália, no Canadá, na Nigéria, na África do Sul, na Argentina, em Cuba, dentre outros países. Assim, em 1982, as ações afirmativas foram inserida no primeiro Programa de Ação para a Igualdade de Oportunidades da Comunidade Econômica Europeia, por exemplo. A Constituição Brasileira de 1988 garante uma igualdade material, mas movimentos sociais reivindicam também uma igualdade formal, que realmente garanta cidadania para todos/as brasileiros/as, independente de raça/cor.

Quando se reflete sobre conceitos de branquitude, de negritude e de mestiçagem em sociedades racistas como o Brasil, procura-se compreender a persistência das desigualdades étnico-raciais. Uma vez que a miscigenação não garantiu a parada da violação de direitos baseado em escalas cromáticas de cores de pele ou traços negroides. E as ações afirmativas acabam revelando discriminações ocultas baseadas em ideologias de inferioridades/superioridades raciais. Nessa esteira, construções de identidades e alteridades também são projetadas em representações e discursos midiáticos, denotando a importância de pesquisas que se debruçaram sobre tais temáticas.

Caminhos da pesquisa e opções metodológicas

De março a novembro de 2018, o percurso metodológico – almejado por meio de um paradigma emancipatório para a produção do conhecimento – privilegiou a abordagem qualitativa e empírica em comunicação. A partir da produção audiovisual *DEAR WHITE PEOPLE* buscou-se construir visões de realidades sobre sociedades racializadas, tendo consciência do *interconhecimento*, do *reconhecimento*, do *autoconhecimento* e das *ausências* que a pluralidade de saberes cruzados e recíprocos denota (SANTOS, 2006).

Para o processo de recolhimento de dados, construiu-se um método combinado de técnicas de aproximação com o objeto como: observação sistemática, pesquisa documental e bibliográfica. Tais escolhas foram condizentes com as condições desta pesquisa, que implicam em riscos e desconfortos provenientes de uma temática relacionada a práticas racistas e suas relações com a promoção dos Direitos Humanos, no que tange ao respeito às diferenças.

A observação sistemática deu-se na internet, tanto para percepções extraídas diretamente do filme e da série *DEAR WHITE PEOPLE*, quanto para captar a circulação de comentários sobre essa produção audiovisual em websites. No contexto virtual, interessou focar nas divulgações do movimento negro brasileiro, mais especificamente, nas postagens do *Instituto da Mulher Negra – Geledés* sobre a produção audiovisual. O website do *Geledés* tem uma página dedicada ao *DEAR WHITE PEOPLE* com 7 (sete) postagens sobre a obra, em 2018. Para a amostra qualitativa da recepção, três das postagens foram selecionadas. O critério de escolha de interlocutores foi serem receptores/produtores de conteúdo com evidente apropriação midiática e a aproximação implícita com os conceitos de *branquitudes* e *negritudes*. A pesquisa documental focalizou na análise do roteiro e da obra audiovisual *DEAR WHITE PEOPLE*, mas também contemplou repercussões de dados de censos demográficos brasileiros e estadunidenses que refletem sobre as relações étnico-raciais na atualidade.

Para apoiar o processo de interpretação à luz dos estudos culturais, foi escolhido o circuito cultural de Richard Johnson enquanto protocolo analítico dos dados da pesquisa. O protocolo proposto por Johnson (1996, p.35) contempla três eixos de análise: 1) produção, que revela contextos da produção cultural midiática; 2) texto, que evidencia as narrativas presentes no produto midiático; e 3) leituras, que serve para destacar as produções de sentido na recepção do produto cultural midiático. Na análise, os eixos entrelaçam-se com as culturas vividas nos contextos sociais da produção, da narrativa e da recepção. A seguir, apresenta-se os resultados da pesquisa.

Dear White People: da produção à recepção

Representações sociais e discursos midiáticos específicos sobre questões de relações étnico-raciais e racismo aparecem na série Dear White People de Justin Simien. Essa produção cinematográfica venceu a categoria revelação em drama no Festival de Sundance, em 18 de janeiro de 2014, bem como no *Gotham* e no *Independent Spirit Awards*. Foi teatralizada em outubro do mesmo ano. E, depois, o serviço de streaming Netflix adaptou o filme na forma de uma de suas webseries.⁷ A seguir, reflete-se sobre a referida produção audiovisual.

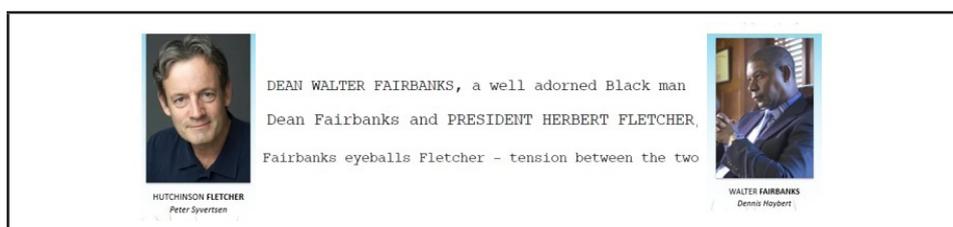
Culturas vividas na produção

O produtor de *Dear White People* é Justin Simien⁸, um afro-americano nascido em 7 de maio de 1983, na cidade de Houston no estado do Texas. Frequentou a *Escola Secundária de Artes Visuais e Performáticas*, no distrito de Montrose - Houston/Texas/USA. Fez a graduação em uma instituição privada de confissão cristã, multirracial, chamada Chapman University, localizada em Orange na Califórnia. Courseou a Faculdade de Cinema e Artes Midiáticas fundada em 1996 e reconhecida entre as dez melhores escolas de cinema do mundo⁹.

Essas vivências fizeram Justin Simien refletir: “Somos amigos de todas essas pessoas só porque somos negros ou porque gostamos delas?”, “Como você fala com seus amigos brancos e como você fala com seus amigos negros?”. Tais pensamentos se deram na época do primeiro mandato do presidente Barack Obama, quando se professa a existência de uma era pós-racial de superação do racismo, o que lhe deixou incomodado. Para ele, esse “foi o momento em que o filme se tornou ‘Dear White People’” originando o tom satírico. Na obra, o autor reflete seu ponto de vista sobre “questões de identidade”, representando “diferentes aspectos da experiência negra”¹⁰.

A roteirização das primeiras cenas do filme de 2014, de acordo com Simien (2013, p. 1-11)¹¹, apresenta personagens principais como: Sam, Gabe, Reggie, Troy, Fairbanks, Kurt, Fletcher, Lionel, Sofia e Coco, conforme segue:

Imagem 2 – Elenco do filme Dear White People



⁷ Webséries da Netflix como: *The Get Down*; *Chewing Gum*; *Luke Cage*; *Greenleaf*; *She's Gotta Have It*; *Luther*; *How to Get Away with Murder*; *Master of None*; e *American Crime Story: The People v. O. J. Simpson* trazem representações plurais de personagens negros/as, brancos/as e de etnias diversas nas tramas, mesmo o racismo não sendo o tema central dessas produções.

⁸ Disponível em: www.justinsimien.com/blog. Acesso em: 8 nov. 2018.

⁹ Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Dodge_College_of_Film_and_Media_Arts. Acesso em: 8 nov. 2018.

¹⁰ Disponível em: <http://therogersrevue.com/justin-simien>. Acesso em: 8 nov. 2018.

¹¹ Disponível em: <https://www.sguardian.org/wp-content/uploads/2016/06/Dear-White-People.pdf>. Acesso em: 9 nov. 2018.

 <p>TROY FAIRBANKS Brandon P. Bell</p>	<p>TROY FAIRBANKS, 21, Black. He drags a brush through his finger waves anxiously. The look of guilt is the only mark of imperfection in his privileged and chiseled demeanor.</p> <p>KURT FLETCHER, 21, white. No sympathy in his jaded blue eyes as he watches on an iPad in a lavish parlor room.</p>	 <p>KURT FLETCHER Kyle Gallner</p>
 <p>SAM (SAMANTHA WHITE) Tessa Thompson</p>	<p>SAMANTHA WHITE (SAM) 21, records the broadcast in an edit bay. Despite her light skin, the Afro pick in her fro pompadour leaves little doubt she identifies as Black.</p> <p>GABE, 24, white and ruggedly handsome in spite of his shaggy hair and "laundry day" flip flop clad ensemble, catches the end of this as he passes - grabs his cell phone and dials...</p>	 <p>GABE Justin Dobies</p>
 <p>REGGIE Monique Richardson</p>	<p>REGGIE, 21, Black - his fro top and preppy punk attire is both bohemian and radical.</p> <p>LIONEL HIGGINS, 20, Black, watches through dark rimmed 2D glasses in a bustling indifferent Dining Hall. A guilt pains his otherwise boyish face.</p>	 <p>LIONEL Tyler James Williams</p>
 <p>SOPHIE FLETCHER Brittany Curran</p>	<p>Coco and SOFIA FLETCHER, a dewy-eyed COLANDREA CONNERS (COCO), 20, Black with blue contacts adjusts the straight bangs of her weave to better see the small TV in her dorm. A smirk on her glossy pink lips.</p>	 <p>COCO Teyanah Pennix</p>

Fonte: Elaborado pelas autoras com base no roteiro¹²

Na trama, o encadeamento da história apresenta a sucessão de fatos e de lembranças das personagens de forma alternada, conduzida pela voz de um narrador. O tempo da obra é o atual. Os acontecimentos se passam na época na qual o afro-americano Barack Obama foi presidente dos EUA (2009-2017), encaixando o enredo no pós ascensão de uma família negra à Casa Branca, o que justificaria uma era pós-racial.

De modo geral, percebe-se que na etapa da produção de *DEAR WHITE PEOPLE*: a) procura-se pautar a persistência das desigualdades motivadas pelo racismo; b) busca-se valorizar a resiliência negra em sociedades com privilégios brancos; c) explora-se a possibilidade de integração racial, através da mistura racial.

Culturas Vividas na Narrativa

As culturas vividas na narrativa audiovisual se dão no espaço físico de uma universidade fictícia localizada nos Estados Unidos da América (EUA) onde se desenrolam as vivências num ambiente composto por, em sua maioria, acadêmicos/as brancos/as. Trata-se da Universidade de Winshester, uma instituição privada vinculada a *Ivy League* que agrega universidades que realizam processos de admissão extremamente seletivos. Nesse ambiente, revelem-se discursos e representações sobre negritudes e branquitudes, como pode-se observar a seguir.

Representações de Branquitudes

Uma das principais representações da branquitude está relacionada ao problema inicial da trama, que é a realização de uma festa promovida por um grupo majoritário de estudantes brancos,

¹² E imagens de divulgação em: <https://bit.ly/2UjmgGI>. Acesso em: 29 ago. 2019.

nas dependências da Winchester. Eles valem-se das comemorações do Halloween para propor que os/as participantes satirizem a racialização de pessoas negras, com suas fantasias. Tradicionalmente, para a festa é escolhida uma temática que, conforme o roteiro do filme, motivou os/as convidados/as a aderirem ao blackface¹³, valendo-se de estereótipos negros para a elaboração das fantasias. Tomando conhecimento do plano dos estudantes da *Revista Pastiche* a gestão questiona a realização do evento, que acaba acontecendo depois do convite ser distribuído de forma anônima nas redes sociais. Durante a festa instala-se o conflito racial que justifica a abertura de investigações criminais acerca de racismos na Universidade, após a repercussão nas principais emissoras de televisão da grande mídia.

No decorrer da trama, percebe-se que a ideologia da superioridade é a base da construção da identidade racial branca uma vez que “linguagens, conceitos, categorias, conjunto de imagens do pensamento e sistemas de representação” conforme Hall (2018, p. 267) vão dando sentido às relações étnico-raciais na narrativa. O engajamento de pessoas brancas na garantia de direitos para as populações negras é pouco explorado na obra. Mesmo que as noções de branquitude crítica estejam presentes, o poder relacionado às pessoas brancas continua representado no *lugar de fala* (RIBEIRO, 2017). Pode-se observar alguns eixos nas representações de branquitudes, entre elas: 1) pessoas brancas silenciam a persistência do racismo; 2) pessoas brancas incomodam-se com a suposta perda de privilégios; 3) pessoas brancas acreditam na integração através da mestiçagem, conforme segue.

Silenciando a persistência do Racismo

Na cena a seguir, as falas apontam para a representação de que pessoas brancas naturalizam e são insensíveis com o racismo relacionado à pessoas negras. No diálogo, a autoridade máxima da Winchester, presidente Fletcher, convoca o Reitor Fairbanks a conter os conflitos por considerar o racismo contra negros uma questão superada.

Imagem 3 – Diálogos entre Fairbanks e Fletcher



Fonte: Imagem elaborada pelas autoras, com base no *print screen* e áudios do filme

Nessa cena, fica evidente que, por mais que existam avanços na igualdade racial principalmente após a Segunda Guerra Mundial, a ideologia do racismo ainda é persistente. Essa representação de branquitude revela, por um lado, o medo de práticas racistas contra negros/as serem associadas à uma instituição majoritariamente branca. E, por outro lado, a aceitação, de forma irônica, de práticas racistas

¹³ O blackface é uma prática estadunidense do século 19, quando os/as negros/as eram impedidos de contracenar em teatros de acesso livre às pessoas brancas. Então, pessoas brancas usavam maquiagens que remetesse a aparência de pessoas negras. A maioria das representações eram de ridicularizações de pessoas de cor. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/tag/blackface/> <https://www.estudopratico.com.br/o-que-e-blackface-e-por-que-nos-dias-de-hoje-e-considerada-uma-atitude-racista/>. Acesso em: 5 out. 2018.

contra mexicanos/as que buscam cidadania estadunidense. Então, não se pode negar que racismos ainda existam e estão à serviço de desigualdades entre seres humanos.

Relacionando ações afirmativas a privilégios

Na cena a seguir, as falas apontam para a representação de que pessoas brancas se sentem prejudicadas com a garantia de direitos para pessoas negras obtidos através de reserva de vagas de inclusão nas Universidades. No diálogo abaixo, o acadêmico Kurt, aciona sua posição de filho do presidente Fletcher para questionar as ações afirmativas, política pública defendida por Sam.

Imagem 4 – Conflito entre Kurt e Sam



Fonte: Imagem elaborada pelas autoras, com base no *print screen* e áudios do filme

Na cena, pode-se resgatar o debate sobre privilégios socioculturais, que sustentam desigualdades econômicas. Por isso as ações afirmativas de cunho racial sofrem questionamentos recorrentes, por relativizarem identidades negras e identidades brancas. A Universidade de Brasília (UnB) foi uma das primeiras a adotar o ingresso por cotas sociais e raciais, onde por exemplo, entre 2004 e 2017, 47 mil alunos/as, incluindo negros e indígenas, ingressaram na graduação e no pós-graduação por esse sistema. O principal ponto positivo das ações afirmativas no Brasil é a promoção da igualdade de oportunidades por meio da democratização do ensino superior, que ainda mantém uma maioria de estudantes brancos.

Integrando o negro pela miscigenação

Na cena a seguir, a militância combativa de cunho racial da personagem Sam parece perder força, por sua mestiçagem e pela revelação de um segredo: seu relacionamento amoroso com o personagem branco Gabe. Tal relação provoca tensões e negociações entre as personagens no decorrer da trama, que esperavam o namoro de Sam com homens negros, como Reggie, por exemplo. No diálogo, invertendo as posições de opressão, a mulher negra assume o poder no campo afetivo e a mestiçagem ganha valor na representação como forma de integração racial.



Fonte: Imagem elaborada pelas autoras, com base no *print screen* e áudios do filme

Noções de segregação e de integração frequentemente são relacionadas a ideias de mistura, de miscigenação e de mestiçagem, como uma forma de se alcançar harmonias étnico-raciais. Esse pensamento foi apropriado por Demétrio Magnoli em seu livro *Uma gota de sangue*. Nele o geógrafo destaca que nos EUA as relações étnico-raciais seriam binárias (*black or white*), enquanto no Brasil envolveriam majoritariamente mestiços/as. Na sua visão e de outros/as autores/as, o estímulo ao pertencimento racial levaria a ódios, enquanto a integração seria promovida na mestiçagem. Esse mito da democracia racial ainda persiste, com o auxílio das representações e discursos midiáticos.

Representações de negritudes

Na obra, as representações de negritude são diversas, mas a principal está relacionada a expressão cara gente branca, como forma militante de chamar a atenção para reflexões sobre branquitudes. *Dear White People*, nome do filme e da webserie da Netflix, também é o nome do programa de rádio da Universidade que é transmitido principalmente por megafones espalhados pelo campus. Na obra, a locutora é uma aluna do primeiro semestre da Faculdade de Comunicação¹⁴, Samantha White, que abre, desenvolve e fecha o programa. Sam, como é conhecida, faz intervenções sobre relações étnico-raciais inspiradas no livro *Ebony & Ivy*, de Craig Steven Wilder. Ouvintes podem participar do programa, principalmente pelo telefone. As cenas subsequentes mostram que a problemática das discriminações permeia toda a obra e está presente nas mídias radiofônicas, impressas, cinematográficas e redes sociais incluídas na produção que explora várias complicações nos estados de espírito dos/as acadêmicos motivadas pela ideologia do racismo.

No decorrer da trama, percebe-se que a noção de que pessoas negras são diferentes entre si são relacionadas ao ativismo social das questões de negritude. Como sugere Guedes (2007), o entrelaçamento de um Eu singular abre caminho para a análise de partes que revelam o mesmo do Eu no outro e o diferente do Eu no outro. Onde o semelhante é positivado e o desigual, negado. Isso se dá porque as noções de outro e eu, *alter* e *ego* em latim, estão nas bases da filosofia ocidental que fundamenta cidadanias que negaram alteridades a uns seres humanos em detrimento de outros, ao longo dos séculos. As contradições de pessoas negras no pertencimento racial é explorado na obra de forma a revelar formas de ser aceito pelo grupo ao qual se pretende participar, seja ele de maioria negra ou maioria branca. Pode-se observar alguns eixos nas representações de negritudes, entre elas: 1) pessoas negras divulgam a persistência do racismo; 2) pessoas negras questionam integrações raciais; 3) pessoas negras sofrem com as contradições da mestiçagem; conforme segue:

14 No original, School of Media.

Divulgando a persistência do racismo

Na cena a seguir, as falas apontam para as representações de pessoas negras em conflito, por tomarem posições contrárias. Por um lado, reforçando o ativismo negro combativo, por outro, destacando o contra-ativismo negro. No diálogo, o Reitor Fairbanks interpela Sam por considerar racista o programa de rádio *DEAR WHITE PEOPLE*. Enquanto a personagem negra esclarece o que é racismo, na visão dela.

Imagem 6 – Embates entre Fairbanks e Sam



Fonte: Imagem elaborada pelas autoras, com base no *print screen* e áudios do filme

Sobre racismo, o sociólogo Fernando Machado (2000, p. 9), nos esclarece que o conceito se articula entre *ideologia*, *preconceito* e *discriminação* que geram práticas racistas dependendo dos contextos culturais e temporais. Uma sociedade racializada é aquela que, em sua formação, aceitou a ideologia da existência de diferentes raças humanas e de juízos de valor entre elas, como por exemplo, a brasileira e a estadunidense. São alvo dessas ideologias, desses preconceitos e dessas discriminações os grupos mais vulneráveis, considerados subalternos e em sua maioria marginalizados por grupos privilegiados racialmente.

Relacionando integração a domínio cultural

Na cena a seguir, as falas apontam para a representação de que pessoas negras acreditam que o modelo de integração branco exige a renúncia das culturas negras, das associações negras e das identidades negras. No discurso de campanha para ser presidenta de uma das casas de estudante, a ativista Sam desvaloriza as posturas do seu adversário político, o acadêmico negro Troy filho do Reitor Fairbanks, por representar uma negritude submissa a branquitude.

Imagem 7 – Discursos de Sam em campanha



Fonte: Imagem elaborada pelas autoras, com base no *print screen* e áudios do filme

As falas remetem a dificuldade da co-presença com reconhecimento do direito a igualdade - contra a inferioridade – concomitante ao direito a diferença – descaracterizante, que os guetos representam. Nesse sentido, na visão de Boaventura (2001, p. 38) tem-se direito a igualdade e a diferença, uma vez que “as pessoas e os grupos sociais têm o direito a ser iguais quando a diferença os inferioriza, e o direito a ser diferentes quando a igualdade os descaracteriza.”

Revelando as contradições da mestiçagem

Na cena a seguir, os discursos apontam para a representação de que pessoas negras vivem um eterno conflito sobre suas origens étnico-raciais, pois têm consciência que eminentemente têm parentes de todas as cores. No diálogo, a fragilidade da ativista Sam em aceitar sua mestiçagem, também de origem branca, é acolhida por seu namorado branco Gabe.

Imagem 8 – Ser negro, ser branco, ser mestiço?



Fonte: Imagem elaborada pelas autoras, com base no *print screen* e áudios do filme

As questões de mistura, de mestiçagem e de miscigenação encontram espaços de reflexões tanto em espaços brasileiros, quanto em estadunidenses. Oracy Nogueira, entre 1942 e 1955, realizou estudos comparados sobre o racismo nos Estados Unidos e no Brasil. A pesquisa pretendia ser um contraponto a ideologia da democracia racial brasileira aceita depois do lançamento do livro *Casa grande & Senzala* de Gilberto Freyre, publicado em 1933. Freire propagava a existência de uma *democracia étnica* no Brasil, oriunda da miscigenação entre nativos indígenas, africanos/as escravizados e colonizadores portugueses. Os resultados das pesquisas de Nogueira (1985) o levaram a crer na seguinte diferença entre os racismos em ambos os países: 1) o racismo nos EUA seria um *preconceito de origem* uma vez que marcadores de ancestralidade africana (genótipo) motivariam as discriminações raciais estadunidenses; 2) o racismo brasileiro seria um *preconceito de marca* envolvendo marcadores negroides na aparência das pessoas (fenótipo).

No entanto, a nova face miscigenada dos Estados Unidos vem alterando certas lógicas. E as representações de negritudes em diálogo com representações de pessoas brancas sensíveis as contradições das sociedades racializadas é pouco explorada em produções midiáticas. Mas é contemplada nesta cena da obra, por meio do diálogo intercultural compreensivo.

De forma não conclusiva, mas apontando tendências, percebe-se que na narrativa de *DEAR WHITE PEOPLE*: a) existe uma variedade de representações de identidades negras, o que condiz com a realidade; b) inexistem uma multiplicidade de representações de identidades brancas, o que não condiz com a realidade; c) a mistura racial aparece como ponto de conflitos e de negociações nas reflexões sobre racismo.

Culturas vividas na recepção/BR

A recepção da obra perpassa várias instâncias, dentre elas se inserem os comentários em redes sociais online e sites diversos. No Brasil, o *Portal Geledés*, produzido pelo Instituto da Mulher Negra, mantém uma página concentrando opiniões sobre a produção audiovisual *Dear White People*.

Em 2018, ao longo da pesquisa, identificamos sete postagens sobre *Dear White People* no Portal Geledés, conforme discriminado a seguir: (i) “Com protagonista de *Todo Mundo Odeia o Chris*, comédia satírica sobre racismo ganha novo trailer” (13/10/2014); (ii) “*Cara Gente Branca/Dear White People*” (17/10/2015); (iii) “‘*Dear White People*’ e a diversidade de pele negra” (29/04/2017); (iv) “Sobre Reggie” (01/05/2017); (v) “*Dear White People*” é a série necessária para um homem branco como eu (03/05/2017); (vi) “Por que ignoramos ‘*Cara Gente Branca*’ e viralizamos ‘13 Reasons Why?’” (07/05/2017); (vii) “‘*Dear White People*’ mira micro agressões raciais e debate sobre liberdades” (11/05/2018).

Para a amostra qualitativa da recepção, três das postagens foram selecionadas. O critério de escolha de interlocutores foi o fato de serem receptores/produtores de conteúdo com evidente apropriação midiática e a aproximação implícita com os conceitos de *branquitudes enegritudes*. Na análise, percebe-se que os comentários de 2 (dois) jovens brancos demonstram senso crítico em relação à sua branquitude e que 1 (um) jovem negro reflete sobre a negritude universalizada.

Então, pode-se deduzir que as postagens no *Portal Geledés* apontam tendências na recepção, tais como: a) receptores/as interagem sobre as produções de sentido provenientes da construção de identidades negras, que importam para o entendimento da negritude; b) receptores/as revelam que o cunho satírico contribui para a construção de identidades brancas conscientes de privilégios e posicionadas contra o racismo; c) receptores/as acreditam na necessária integração racial, que é complexa por gerar tensões e demandar negociações.

Considerações Finais

No decorrer da pesquisa, percebe-se que a produção audiovisual *DEAR WHITE PEOPLE* está comprometida com representatividades midiáticas de uma nova realidade dos EUA. No início dos anos 2000, a quantidade de afro-americanos/as não ultrapassava os 13% da população. Mas, segundo os últimos dados demográficos do Census Bureau, até 2050 as pessoas brancas serão a minoria da população estadunidense, apontando um aumento populacional de pessoas negras no país. E, conseqüentemente, este novo quadro aponta para a necessidade de mobilidades sociais mais diversificadas. Então, assim como no mundo, o problema sociocultural a ser resolvido é o da integração de pessoas de várias origens étnicas, como forma de valorizar as experiências de co-presença cotidiana na produção de relações de pertencimento e de construções de identidades no diálogo intercultural entre o *eu-nós*.

DEAR WHITE PEOPLE acompanha esse raciocínio, que também se dá no Brasil. Estatísticas do IBGE apontam o enegrecimento de brasileiros/as com um aumento do número de pessoas pardas se autodeclarando pretas, bem como o de mestiços/as se autodeclarando pardos/as, ao invés de brancos/as. De acordo com as interpretações da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) de 2018, trata-se de um desdobramento da implementação de ações afirmativas destinadas às pessoas negras (pretos/as ou pardos/as de fenótipo com marcadores negroides). Nessa linha, debates intelectuais e políticos sobre racismos no país sofrem a interferência de narrativas ideológicas sobre a predominância de uma brasilidade mestiça, que invalidaria políticas públicas de igualdade racial.

No entanto, o racismo estrutural - herdado do sistema econômico escravista baseado na ideia de raça e recriado em práticas excludentes que persistem na sociedade brasileira – realiza a manutenção da pouca inserção de pessoas negras em espaços de poder e de ascensão socioeconômica. Revela, assim,

avanços lentos nas políticas de igualdade racial de reversão de quadros de desigualdades étnico-raciais a curto, médio e longo prazo, nas mais diversas áreas.

Diante do exposto, conclui-se que a produção audiovisual *DEAR WHITE PEOPLE* merece críticas positivas e negativas no que tange a ampliação de visões sobre discursos midiáticos e representações de *branquitudes* e *negritudes* nos estudos culturais de comunicação. Por um lado, a obra proporciona reflexões para a desconstrução de estruturas sociais de desigualdades raciais. Por outro, por mais que queria desconstruir racismos, também pode acabar reforçando ideologias que racializam seres humanos.

Contudo, acredita-se que essa pesquisa pode contribuir para ampliar reflexões sobre como a noção de *raça* ainda determina estruturas socioeconômicas e culturais no Brasil, bem como em outros países. E, para além da relevância e do interesse social do tema, espera-se impulsionar transformações culturais nas relações humanas brasileiras, ao valorizar a milenar filosofia sul-africana zulu e xhosa *Umuntu ngumuntu nagabantu*, ou seja, *eu sou porque nós somos*. Seria uma boa forma de se revisar teorias sobre alteridades e identidades pautadas no direito à igualdade e à diferença, ou seja, na unidade e na diversidade do *nós-eu*.

Referências

BIBIANO, Matheus Vieira Gomes; ENNE, Ana Lucia Silva. “Cheque seu privilégio ao entrar” – Racializando o branco com a série Dear White People. **Anais eletrônicos Intercom**, Curitiba, 2017.

CARDOSO, Lourenço. Branquitude acrílica e crítica: a supremacia racial e o branco antirracista. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales**, Niñez y Juventud. 2010.

CARDOSO, Lourenço. A branquitude acrílica revisitada e as críticas. *In*: CARDOSO, Lourenço; MULLER, Tânia M.P. **Branquitude**: estudos sobre a identidade branca no Brasil. Curitiba: Appris, 2017.

MAGNOLI, Demétrio. **Uma Gota de Sangue**: História do Pensamento Racial. São Paulo: Contexto, 2009.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel e AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. Rio de Janeiro: Record, 1989.

GUEDES, Edson Carvalho et al. **Alteridade e diálogo**: uma meta-arqueologia da educação a partir de Emmanuel Lévinas e Paulo Freire. 2007.

GOMES, Nilma. Intelectuais Negros e Produção do Conhecimento: algumas reflexões sobre a realidade brasileira. *In*: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Editora Cortez, 2010.

HALL, Stuart. **Da Diáspora**: Identidades e Mediações Culturais. *In*: SOVIK, Liv Sovik (Org.). 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2018.

JOHNSON, Richard. “What is cultural studies anyway?”. *In*: STOREY, John. (Org.). **What is Cultural Studies?** Londres: Arnold, 1996.

LÉVINAS, Emmanuel. **Totalidade e Infinito**. Lisboa: Edições 70, 1980.

MACHADO, Fernando Luís. Os novos nomes do racismo: especificação ou inflação conceptual? **Sociologia. Problemas e Práticas**, n. 33, p. 9-44, 2000.

MORESCO, Marcielly Cristina; RIBEIRO, Regiane. O conceito de identidade nos Estudos Culturais Britânicos e Latino-Americanos: um resgate histórico. **Animus – Revista Interamericana de Comunicação Midiática**, v. 14, n. 17, 2015.

MOSCOVICI, Serge. On social representation. *In*: FORGAS, Joseph Paul (Ed.). **Social cognition**. London: Academic Press, 1981.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil**: Identidade nacional Versus Identidade Negra. Petrópolis: Vozes, 1999.

MUNANGA, Kabengele. Algumas considerações sobre “raça”, ações afirmativas e identidade negra no Brasil: fundamentos antropológicos. **Revista USP**, n.68, p. 46-57, dez./fev. 2005-2006.

NOGUEIRA, Oracy. **Tanto preto quanto branco**: estudo de relações raciais. São Paulo: T. A. Queiroz, 1985.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala**. São Paulo: Letramento, 2017.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A gramática do tempo**: para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez, 2006.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **As tensões da modernidade**. Porto Alegre: Fórum Social Mundial, 2001.

SOVIK, Liv. Preto no Branco: Stuart Hall e a branquitude. *In*: CARDOSO, Lourenço; MULLER, Tânia M.P. **Branquitude**: estudos sobre a identidade branca no Brasil. Curitiba: Appris, 2017.

VIRGOLINO, Juliana Carneiro; MANCIO, Camila R. Peres; LEMOS, Anuschka Reichmann. Dear White People: cinematográfica, plástica e percepção. **Temática**, ano XIV, n. 5., maio, 2018.

WILDER, Craig Steven. **Ebony & Ivy**: Race, Slavery, and the Troubled History of America's Universities. Londres: Bloomsbury Publishing PLC, 2013.